

# E quando o perigo está dentro de casa...

*Em 80% dos casos envolvendo vítimas com menos de 18 anos, o agressor é alguém conhecido*

„ No início, ele era “um cara muito engraçado”. Todo mundo gostava dele. “Fazia todas as nossas vontades. Hoje sei que queria nos conquistar, ganhar nossa confiança”, lembra Tarsila, 36 anos, sobre o lamentável episódio em que foi, aos 13, vítima do marido de sua avó.

A história de Tarsila reforça o triste dado de que 80% dos agressores sexuais de vítimas menores de 18 anos são pessoas conhecidas ou alguém de confiança da família, diz o delegado Lorenzo Pazolini, titular da Delegacia de Proteção à Criança e ao Adolescente (DPCA).

É o caso de Cora, 31 anos, abusada na cozinha da casa do tio, aos 8, por um conhecido da família. “Era um senhor de idade. Onde eu estivesse, ele aparecia. Falava obscenidades, ficava atrás de mim. Até que um dia aconteceu.”

## CRIANÇAS

Crianças e adolescentes são as principais vítimas de violência sexual no país. Dados da Vigilância de Violências e Acidentes (VIVA), ligada ao Ministério da Saúde, apontam que foram registradas no Espírito Santo 492 ocorrências de estupro em 2015. Desse, 282 casos são de crianças e de adolescentes. Na maioria deles, 69,46%, meninas da faixa etária dos 10 aos 19 anos.

No Brasil, o percentual também é assustador. Crianças e adolescentes são 73% das vítimas. Ao todo, cerca de 14,9 mil foram vítimas de violência sexual no país.

“A maioria dos casos que chegam até aqui são de crianças menores de 14 anos. Elas são vulneráveis, e a maioria não tem a cons-

ciência formada, não sabe como agir e conseguir talvez de imediato se livrar daquele abusador. E algumas vão guardar isso pela vida toda. A devastação dessa violência é inimaginável”, alerta o delegado Lorenzo Pazolini.

E foi isso que aconteceu com Tarsila, violentada pelo marido da avó. “Nunca me recuperei. Aos 15 desenvolvi uma compulsão alimentar. Não queria ser bonita também. Cheguei aos 130 quilos. No meio disso, parti para a bebida. Cheguei ao ponto de beber perfume. A cocaína foi, por um curto tempo, minha companhia.”

## PODER

A relação de poder que explicaria boa parte dos estupros de mulheres se estende também às crianças. “Ele (agressor) se sente oprimido pelo trabalho, pelo Estado, pela polícia, pela sociedade. O úni-

co modo que ele consegue se sentir no lugar de poder é sendo violento sexual”, explica a psicóloga Luciana Bicalho. E por que acontecem tantos casos dentro de casa? “É um lugar de intimidade, então acaba favorecendo”, conclui.

“Há a relação de poder tanto entre os gêneros quanto a do poder hereditário, do pai sobre o filho”, acrescenta a psiquiatra Andressa Perobelli.

As mulheres aparecem em menor número na lista de abusadores, mas existem e são tão articuladas quanto os homens.

“Mulheres abusadoras são bem mais difíceis de identificar quando estão agindo. Elas procuram profissões que legitimam o contato com as vítimas como babá, perueira de escola infantil, professora e monitora de acampamento. São figuras de autoridade”, exemplifica a criminalista Ilana Casoy.

## PEDOFILIA

Pedofilia é uma doença psiquiátrica. Mas, diferentemente do que diz o senso comum, nem toda pessoa que abusa de criança é pedófila e nem todo pedófilo vai abusar de crianças. “Pedófilo é aquele que tem desejo sexual despertado obrigatoriamente por crianças ou para quem aquele estímulo é muito importante”, explica a sexóloga Denise Terra.

Apesar da doença, quem sofre dela mantém o discernimento e sabe que o abuso de crianças é ilegal e possui capacidade total de controlar o seu desejo. “Há pedófilos que são portadores da doença e que nunca abusaram de uma criança. É o que escolheu não abusar”, explica Denise Terra.

*“Todos sabiam que meu tio era abusador”*

“Não falo sobre isso com meus pais, então não sei dizer quantos anos eu tinha. Eles nem devem saber quando começou. Deve ter sido dos 3 aos 7 ou 8 anos. Meu tio era muito carinhoso comigo. A gente era quase uma família só: eu, meu pai, minha mãe, meu tio, minha tia, os filhos deles, a gente. Só que meu tio quando ficava sozinho comigo fazia coisas comigo. E começou a ficar muito frequente. No começo entendia aquilo como um carinho. Depois comecei a perceber que era escondido e que ele só fazia em mim, não fazia com as outras primas. E ninguém nunca podia saber, ele dizia que eu não podia contar para ninguém. Eu fui entender que podia ser errado com 7 anos. Um dia contei para minha mãe, mas ela não falou nada. Comecei a perceber que não me deixavam sozinha com ele. Ninguém falava nada, mas sempre ficavam de olho onde eu estava. Com 12 anos, descobri que a família inteira já sabia que meu tio era um abusador de criança. ‘A gente sempre cuidou de você’, o filho dele me disse.

Já adulta, contaram para o meu pai. Meu tio era o melhor amigo dele. Eles não se falam mais. Mas eu falava que queria processar e ouvia do meu pai: ‘Você está fazendo mal a sua mãe, você fica falando disso o tempo inteiro. Isso já passou.’”  
Olívia, 23 anos



**Onde eu estivesse, ele aparecia. Falava obscenidades. Até que um dia aconteceu”**

—  
Cora, 31, vítima



## SEXO: SE FOR À FORÇA, É ESTUPRO

« A cultura do estupro é tão forte que não faltam mulheres com histórias tristes em que o agressor é seu próprio companheiro. Mas, como prevê o Código Penal, qualquer contato sexual sem consentimento é crime, inclusive os praticados pelo namorado ou marido.

“Sempre achei que meu dever de esposa era ceder às vontades do meu marido e que o que ele fazia era direito dele. Meus familiares diziam isso. É muito duro reconhecer isso, saber que essa violência também acontece dentro de casa”, relatou Maria, 35 anos, em depoimento à polícia.

Estimativa da Organização Mundial de Saúde (OMS) aponta que 16% das mulheres brasileiras já foram estupradas por seus companheiros.

A juíza Hermínia Azoury, engajada na luta contra a violência contra a mulher, conhece bem essa realidade. “Elas não dão a nomenclatura. Elas não identificam. Mas elas sabem que elas sofrem”, explica a titular da 9ª Vara Criminal de Vila Velha e Coordenadora Estadual de Enfrentamento à Violência Doméstica do Tribunal de Justiça do Espírito Santo (TJES).

A questão cultural da mulher como posse de alguém é tão presente que não é incomum não se reconhecerem como vítimas de estupro. “Tenho muitas pacientes que são forçadas a fazer sexo com alguém que acha que ela tem obrigação de satisfazer esse alguém. Se ela não quis, é um estupro”, afirma Getúlio Souza, do Programa de Atendimento às Vítimas de Violência Sexual (Pavivis), em Vitória.

Hermínia Azoury observa que, entre tantas vítimas que já atendeu, está presente uma dependência ao companheiro. “Muitas delas têm essa dependência afetiva e econômica. Uma me disse uma vez que não saía porque tinha medo de perder os filhos. Elas morrem pelos filhos”, relata a juíza. Mas ela afirma que esse tipo de brutalidade atinge mulheres de todas as condições financeiras: “Violência doméstica não escolhe classe social”.

Entre as formas de combater esse tipo de violência, ela cita políticas públicas de conscientização. Assim, quem sabe essa escala de violência possa ser interrompida e homens deixem de tratar suas companheiras com violência e mulheres consigam seguir o exemplo de Maria. “Depois de muito sofrimento, resolvi dar um basta. Não quero mais viver essa vida. Saí da cidade onde morava e vim morar em outro lugar, na tentativa de voltar a ser feliz.”

## EDUCAÇÃO SEXUAL NA ESCOLA: CAMINHO PARA A DENÚNCIA



**Depois comecei a perceber que era escondido e que ele só fazia em mim, não fazia com as outras primas”**

Olívia, 23, vítima dos 3 aos 7 anos

« Hebert, 28 anos, tinha 13 quando se deu conta de que havia sofrido violência sexual quando era criança, por um vizinho. Ele lembrava do amigo de seus pais, um homem casado e com um filho, o levando para passear, mas não tinha noção de que o que aquele homem fez durante o passeio era proibido. Na época, Hebert viu a situação como um momento de carinho, já que seu agressor sexual não lhe deixou marcas de violência física.

“Só fui começar a perceber a gravidade daquilo quando completei 13 anos. Mas acho que fui ficar meio revoltado com a história quando tinha pouco mais, quase 18. Nessa época, estava na faculdade e via vários debates so-

bre o assunto. Foi um tema que na época comecei a entender, ficar mais indignado e a achar um absurdo”, relata Hebert.

Diante de tantos casos de crianças vítimas de violência sexual, como o de Hebert, profissionais apontam como a educação sexual nas escolas como uma das possibilidades para ajudá-las a denunciar para alguém de sua confiança.

“Muitas crianças que são submetidas à violência sexual não reconhecem aquilo como um ato de violência. Elas acham que aquilo é uma das possibilidades de relação presentes na família”, explica a psicóloga Luciana Bicalho, coordenadora do curso de Psicologia da UVV.

Vale reforçar que não se defende que crianças sejam ensinadas a não serem vítimas, mas orientadas sobre seus direitos e onde procurar ajuda, “caso não se sinta bem com a relação que estão estabelecendo com ela”, completa Luciana.

“Às vezes os pais têm a ilusão de que a educação sexual está estimulando o interesse pela sexualidade. Muito pelo contrário. Para cada idade, você vai trabalhar de um jeito, com linguagens diferentes”, defende Luciana Bicalho.

Duas décadas depois do abuso, Hebert sente medo por outras crianças. “Hoje fico pensando em quantas pessoas podem estar sendo abusadas e ninguém está percebendo.”